

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E SUA IMPLICAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

EMOTIONAL EDUCATION AND ITS IMPLICATION IN ADOLESCENCE

Francisca Regilânia Ferreira Lima¹

Valdênia Nunes de Sousa²

Sueli Fernandes Carneiro Marinho Ferreira³

Fabiola Camurça Janebro Damasceno⁴

Higor Daniel Silva Brandão⁵

Geane Correia Rocha Cavalcante⁶

Luzia Duarte Rodrigues⁷

Leandro Soares Damasceno⁸

Ana Cristina Cavalcante Rodrigues Dantas⁹

1 Licenciada em Português e Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA (2005); Especialização em Língua Portuguesa e Arte-Educação, pela Universidade Regional do Cariri - URCA(2007); Especialização em Gestão Educacional, pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada- INTA (2010); Especialização em Língua Portuguesa: Redação e Oratória pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID (2015)Especialização em Mediação de Conflitos, Faculdade Ratio(2017). Especializanda em Psicologia Escolar pela Facuminas.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú – UVA (2003);Especialista em Gestão Escolar e Coordenação pelo INTA (2009).Graduada em Psicologia na Universidade de Fortaleza – UNIFOR(2011), Especialista em Docência do Ensino Superior pela FAK (2016).

3 Especialista em Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Ceará (2018)

4 Licenciada em Pedagogia e Pós graduada em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará, Doutora em Educação pela Ecumenical University of Florida

5 Centro universitário Uninta, Pós graduado em nutrição esportiva, Pós graduado em neuropsicopedagogia

6 Pós graduação em Nutrição em Nefrologia e Nutrição Clínica e Hospitalar

7 Graduada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

8 Graduado em Nutrição pela Universidade Estadual do Ceará, Pós graduado em Vigilância Sanitária de alimentos pela UECE, Mestre em Nutrição e saúde pela UECE, Doutorando em Educação pela Ecumenical University

9 Formada em letras licenciatura plena pela UECE

Resumo: O referido artigo tem como título “Educação emocional e sua implicação na adolescência”, e teve como objetivo geral apresentar e discutir os principais conceitos e particularidades referentes a educação emocional e sua implicação na adolescência. O estudo vem proporcionar uma reflexão sobre a educação e equilíbrio emocional do adolescente, onde este é um elemento indispensável para uma convivência mais significativa. Para tanto, a temática ora citada a partir da pesquisa bibliográfica referente ao assunto exposto busca através dos autores, compreender que a educação emocional vem sendo desenvolvida nas mais variadas situações do cotidiano social e na atual conjuntura sócio-política e da necessidade de seu alcance na vida do adolescente.

Palavras-chave: Educação emocional. Adolescência. Educação;

Abstract: This article has as its title “Emotional Education and its implication in adolescence”, and aimed to present and discuss the main concepts and particularities regarding emotional education and its implication in adolescence. The study provides a reflection on the adolescent's education and emotional balance, where this is an indispensable element for a more significant coexistence. To this end, the theme cited from the bibliographic research regarding the subject exposed seeks through the authors, to understand that emotional education has been developed in the most varied situations of social daily life and the current socio-political conjuncture and the need for its reach in Life of the teenager.

Keywords: Emotional Education. Adolescence. Education;

10 Graduada em Serviço Social, Perita Social do TJCE, Especialista em Gerontologia, Especialista em auditoria em saúde, Técnica em enfermagem.

Introdução:

A educação é um processo que envolve valores, transmissão e construção de relações sociais e por isso, precisa estar voltada para as transformações culturais da sociedade. Concordamos que na educação “que se faz por meio de palavras, não pode ser rompida a relação pensamento-linguagem-contexto ou realidade” (FREIRE, 2001, p. 70).

A educação precisa romper com seus paradigmas tradicionais, repensar seus tempos e metodologias a fim de acompanhar as transformações da sociedade atual. Segundo Freire (p.25, 2001), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção ou de sua construção”.

A Inteligência emocional diz respeito à capacidade de identificar as expressões emocionais, reconhecer e nomear emoções, compreender as emoções dos outros com base nas expressões faciais e nas características das situações de contexto emocional, desenvolvendo a habilidade de regular e entender emoções, tanto de si mesmo quanto dos outros (FRANCO, 2008), compreendendo e identificando as situações que se configuram como gatilho para possíveis crises emocionais, assim como as possíveis consequências, utilizando-se dessas informações de maneira a promover bem-estar físico e emocional, melhorando efetivamente a qualidade de vida e crescimento social.

Nesse contexto, quais seriam as implicações da educação emocional na adolescência? O que é educação emocional? A importância da educação emocional na adolescência?

Para tanto, foram estabelecidos alguns objetivos específicos que buscaram direcionar o foco da presente pesquisa: apresentar algumas definições e conceitos acerca da educação emocional e suas implicações na adolescência, assim como compreender as relações emocionais nos adolescentes;

Para fins didáticos, além dessa introdução que traz um esboço do que se refere a pesquisa e quais seus objetivos, o presente artigo elenca os seguintes itens: Fundamentação Teórica, que apresenta um embasamento sobre o assunto abordado a partir da visão de alguns autores, sobre o que é educação, o que é inteligência emocional, o que é adolescência; metodologia, que demonstra todos os passos de

como foi realizada a pesquisa; e considerações finais.

Referencial Teórico

Educação

Segundo Brandão (2004), a educação pode ser livre e entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criaram para tornar comum o saber, a ideia, a crença, e para tornar comunitário o bem, o trabalho e a vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre pessoas, na divisão dos bens, do trabalho e dos direitos.

Para Luckesi (1994, p. 37), a questão primordial, quando pensamos em educação, é: “Que sentido pode ser dado à educação, como um todo, dentro da sociedade?”. O autor complementa dizendo:

Alguns responderão que a educação é responsável pela direção da sociedade, na medida em que ela é capaz de direcionar a vida social, salvando-a da situação em que se encontra; um segundo grupo entende que a educação reproduz a sociedade como ela está; há um terceiro grupo de pedagogos e teóricos da educação que compreendem a educação como uma instância mediadora de uma forma de entender e viver a sociedade. Para estes a educação nem salva nem reproduz a sociedade, mas pode e deve servir de meio para a efetivação de uma concepção de sociedade. (LUCKESI, 1994, p. 37).

Segundo o autor, a educação deve estabelecer um real sentido para sociedade, e ela só será completa quando atender a formação emocional do sujeito.

Para tanto, a educação se apresenta, para alguns, como esperança de transformação e desenvolvimento dos seres humanos, na articulação da teoria e prática e do discurso e ação. Percebemos que o traço predominante da educação oriental, por exemplo, era o idealismo religioso. “O ensino era, sobretudo, oral. A repetição e a revisão constituíam os processos pedagógicos básicos [...] o ensino hebraico era conteudista, enchendo a criança de trabalhos.” (GADOTTI, 2005, p. 26).

Segundo Gadotti (2005, p. 44), do pensamento pedagógico romano herdamos os severos castigos: essa educação era utilitarista, militarista, organizada com base na disciplina, justiça e fidelidade administrativa, ou seja “[...] educação para a pátria, paz só com vitórias e escravidão aos vencidos.

Freire (1996, p. 26-27), apresentou elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana, ao afirmar: “[...] faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.” E anunciou a autonomia, mediante a liberdade, o respeito e o diálogo, como capazes de promoverem e instaurarem a ética universal do ser humano.

Freire (1996, p. 146) afirmava:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146).

Assim a educação surge, como possibilidade imprescindível à humanidade, para construção dos ideais de paz, liberdade e justiça social, valorizando disciplinas, voltadas para o conhecimento de si mesmo, mediado pelo exercício da autocrítica e da ética, no sentido de manter a saúde física e mental dos sujeitos, e conhecimento do meio ambiente natural, para preservá-lo.

Goleman (1999, 2001, 2006), advertia para a importância de temas como autoconhecimento, autoconsciência, consciência social, administração de relacionamentos, fortalecendo os pilares propostos pela educação emocional.

Inteligência Emocional

Goleman (1999, 2001, 2006), descreve a inteligência emocional como a capacidade de uma pessoa de gerenciar seus sentimentos, de modo que eles sejam expressos de maneira apropriada e eficaz.

Segundo o psicólogo, o controle das emoções é essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo. Seu modelo sobre a Inteligência Emocional foca em uma série de competências e habilidades que, de acordo com ele, propiciam melhores desempenhos profissionais – inclusive, como líder.

O modelo de Goleman posiciona a Inteligência Emocional como o conjunto de competências e habilidades fundamentadas em cinco pilares: Autoconsciência: Capacidade de reconhecer as próprias emoções; Autorregulação: Capacidade de lidar com as próprias emoções; Automotivação: Capacidade de se motivar e de se manter motivado; Empatia: Capacidade de enxergar as situações pela perspectiva dos outros; Habilidades sociais: Conjunto de capacidades envolvidas na interação social.

Além disso, ele identifica 12 domínios como sendo os principais para desenvolvê-la: Autoconhecimento emocional; Autocontrole emocional; Adaptabilidade; Orientação para realização; Perspectiva positiva; Empatia; Consciência organizacional; Influência; Coach e mentoria; Administração de conflitos; Trabalho em equipe; Liderança inspiradora.

Já Steiner e Perry (2001), afirmam que a pessoa emocionalmente educada é capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a criar maior qualidade de vida. Para os autores, a Educação Emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade.

Santos (2000) reforça essa ideia e acredita que a educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem-se mostrado insatisfatória, pois, a despeito de tantos avanços tecnológicos — da televisão, dos computadores e da multimídia — utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social.

O elevado índice de delinquência juvenil, em todas as classes sociais, desde as mais abastadas até as menos favorecidas economicamente, somado aos fatores acima mencionados, são uma demonstração inquestionável de que os paradigmas educacionais vigentes, sozinhos, não conseguiram levar a humanidade para um patamar aceitável de educação, por isso a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre eles.

Adolescência

Kalina e Laufer (1974) entendem a adolescência como o segundo grande salto para a vida: o salto em direção a si mesmo, como ser individual. Esses autores distinguem puberdade de adolescência. Puberdade refere-se aos fenômenos fisiológicos, que compreendem as mudanças corporais e hormonais, enquanto adolescência diz respeito aos componentes psicossociais desse mesmo processo.

Para Melvin e Wolkmar (1993), consideram que, na puberdade, está mais acentuada a maturação física e que a idade real de início pode variar muito, sendo para as meninas em torno dos 10 anos e para os meninos, 12 anos. O ritmo em que ocorrem as mudanças da puberdade também é diferente para as meninas e para os meninos, havendo uma variabilidade dentro do mesmo grupo sexual (Bee, 2003; Serra, 1997). A adolescência, cujo início coincide com a puberdade, é influenciada pelas manifestações desta.

A adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2007b). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos (Brasil, 2007c). Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Formigli, Costa & Porto, 2000).

Os adolescentes apresentam diversidade de grupos, atitudes, comportamentos, gostos, valores e filosofia de vida. Como diz Serra (1997), “há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente” (p. 29). As experiências vividas ao longo de sua vida marcam o indivíduo como ser único, apesar de compartilhar algumas características com outros jovens.

No cérebro adolescente, em vista de tantas mudanças, podem ocorrer turbulências emocionais, como a instabilidade de humor, e sentimentos de angústia e hostilidade (PAPALIA e FELDMAN, 2013). Ou seja isso pode acontecer de forma consciente ou inconsciente, pois é um processo psicoemocional.

Segundo Steinberg (2011 apud SANTROCK, 2014), a intensidade emocional nos adolescentes parece ocorrer de forma desproporcional ao evento ao qual a evocou, podendo se alta de mais ou abaixo do esperado, sua tipologia, em geral, se apresenta como momentânea e extrema.

Susman e Durn (2009 apud SANTROCK, 2014) apontam que apesar das grandes mudanças hormonais que ocorrem neste período, estas pouco influenciam as emoções se comparadas a outros fatores, tais como relações sociais, estresse, e outras experiências ambientais e fatores exteriores ao indivíduo.

Na adolescência as emoções ganham mais espaço do que a razão, traduzindo-se em uma busca de emoções mais fortes, sem analisar o risco de seus comportamentos (PAPALIA e FELDMAN, 2013). Além de buscar emoções mais fortes, os adolescentes, flutuam mais pelos estados emocionais diários, apresentando maior tempo de reação a estímulos, do que crianças e adultos (GILBERT, 2012 apud SILVA e FREIRE, 2014).

Todas essas mudanças experienciadas no processo da adolescência, são acompanhadas pelo desenvolvimento durante a adolescência de sistemas hormonais, neurológicos e cognitivos associados à regulação emocional (GROSS e THOMPSON, 2007, SILK et al., 2003, STEINBERG, 2005 apud SILVA e FREIRE, 2014). Apesar de haver, neste período, o desenvolvimento desses sistemas, tornando o adolescente capaz de ter consciência de seus ciclos e flutuações emocionais, o que se traduzindo em uma melhor apresentação das suas emoções, bem como entender a importância desta habilidade para um melhor relacionamento social, os adolescentes não administram muito bem suas emoções (SOMERVILLE, JONES e CASEY, 2010 apud SANTROCK, 2014). Para que os adolescentes venham a desenvolver de fato a uma educação emocional é necessário, a priori, desenvolver algumas competências emocionais importantes neste período.

Sarni (1999 apud SANTROCK, 2014) destaca como as mais importantes, as seguintes: ter consciência do impacto da expressão das emoções nos relacionamentos sociais, sabendo não precisa expressar ao externo tudo que acontece internamente, ter um enfrentamento adaptativo das emoções, a fim de autorregula-las, diminuindo a intensidade e sua duração, ter consciência das emoções que estão

sentindo, sem ser levados por elas, e por último, ser capaz de identificar as emoções dos outros em suas diversas relações sociais. Desenvolvendo essas capacidades, conseguimos administrar as emoções a fim de lidarmos com elas de forma assertiva.

Atualmente, é necessário uma perspectiva de estudar todo o ciclo vital, considerando, então, a adolescência como mais uma etapa, com características próprias que atuarão na construção das trajetórias de vida de cada indivíduo, dentro de um contexto sociocultural (Sifuentes & cols., 2007).

Adolescência e educação emocional

Na sociedade contemporânea, é cada vez maior as exigências impostas ao indivíduo dentro dos variados contextos de interação humana, assim, para que ele mantenha equilíbrio emocional e saúde mental, é importante que desenvolva repertórios sociais adequados e aceitáveis dentro de seu grupo social (FREITAS e DEL PRETTE, 2014).

O desenvolvimento de habilidades sociais bem elaboradas faz com que os indivíduos lidem melhor com as várias demandas e desafios encontrados. Acredita-se que desenvolver habilidade de comunicação, comportamento assertivo e autocontrole emocional, contribui para o autoconhecimento dos adolescentes e estabelecimento de qualidade de vida e produção de saúde mental.

“Para lidar com os desafios e demandas atuais, a criança/adolescente precisa desenvolver um repertório cada vez mais elaborado e habilidades sociais” (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2009), diante das demandas e exigências sociais, dos contrastes ambientais nos quais as crianças fazem parte e da complexidade das relações, desenvolver habilidades sociais essenciais para interação passa a ser um indicador de ajustamento psicossocial, um repertório de competências sociais rico ou empobrecido pode passar a ser indicador de problemas psicológicos.

Assim, Del Prette e Del Prette (2009) afirmam que a criança/adolescente ter um repertório de habilidades sociais elaborado e contribui decisivamente para relações harmoniosas com colegas e adultos. Segundo Wallon(1978), a afetividade desempenha um papel fundamental na construção

e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Sendo a adolescência um período de tantas escolhas, logo podemos inferir que, ter essa habilidade bem desenvolvida é fundamental para o pleno desenvolvimento das relações que são construídas nesse período que podem perdurar ou não para a vida toda.

As emoções e sentimentos constituem o sujeito de forma marcar o que do momentos passará para o resto de suas vidas, pois as manifestações da subjetividade da afetividade se evidenciam nas paixões, nos medos, sofrimentos e interesses que marcam e deixam consequências nos adolescentes que se não trabalhados ou fortalecidos permanecerão na vida adulta. Nesse sentido podemos considerar que a afetividade é:

[...] o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob as formas de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou de prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza (BARRETO, 1998, p. 71).

Diante da afirmativa de Barreto fica evidente que a afetividade proporciona sentido a nossa vida e evidencia aspectos das interações interpessoais impregnadas ao longo do tempo influenciando as escolhas e atitudes pessoais relevantes. O adolescente embora muitas vezes de forma não intencional é um sujeito de atitudes e sentimentos intensos o que requer contato prévio com a habilidade de saber lidar com as emoções e sentimentos para compreender melhor suas próprias atitudes e desejos que estão aflorando.

A educação emocional quanto mais cedo iniciada mais relevante será na vida do adolescente. A construção pessoal do indivíduo passa por fases e é evidente que a idade influi nos recursos de compreensão da emoção. De fato, ao crescer, as crianças tornam-se mais conscientes dos diferentes aspectos das suas experiências emocionais. Embora não dependa exclusivamente da idade, sabemos que o cognitivo também influi, desde muito cedo é possível notar que as crianças se identificam com as pessoas e os ambientes comuns, como “estranhar pessoas e lugares” situações como essas demonstram haver uma certa compreensão emocional periférico.

A compreensão das situações emocionais e o reconhecimento das emoções são também influenciadores de bons resultados acadêmicos. Uma vez que se sentir bem no ambiente escolar traz sensação de segurança e apoio para se desafiar a expandir seus conhecimentos e se aventurar em ações de protagonismo. Segundo Harris (1989), para controlar uma emoção, não é suficiente pôr cara de contentamento. Nesse sentido, a afetividade tem um papel essencial na construção do intelecto do indivíduo, porque está presente em toda a existência, sempre articulada ao processo cognitivo.

Freire afirma que:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (FREIRE, 1996, p. 28).

É notável a importância que é dada por Freire ao ato de conscientização dos sujeitos, fazendo dessa ação um elemento basilar do processo educativo e de emancipação humana. Para ele, conscientização é:

[...] tomar posse da realidade [...], é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘desvela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade estruturante dominante (FREIRE, 1980, p. 20).

A defesa incansável por um posicionamento crítico dos sujeitos frente à realidade vivida, sempre foi recorrente na obra freiriana, a qual apresentava como uma de suas características mais marcantes o fato de sempre esperar que a mudança é possível. Sabemos que, dentre os diversos teóricos e teorias de educação estudadas pelos professores durante seu processo de formação docente, as ideias de Paulo Freire são das mais familiares e reconhecidas entre os docentes.

Metodologia

A pesquisa aqui delineada envolveu uma investigação de base qualitativa, buscando analisar a educação emocional e suas implicações na adolescência. Assim, optou-se pela pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para uma maior fundamentação do assunto exposto. Para um maior entendimento da estrutura da pesquisa bibliográfica alguns autores descrevem a importância desse estudo para o desenvolvimento do trabalho científico.

Fachi (1993), afirma que a pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. E tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Para Arantes (1971), apud Fachi (1993), a pesquisa é o ato de ler, selecionar, fichar, organizar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa em pauta. O procedimento do trabalho ocorreu a partir de uma sequência que se encontra assim organizado: Escolha do tema; Delimitação do tema; Elaboração do plano de trabalho; Levantamento bibliográfico; Seleção bibliográfica; Leitura de material bibliográfico para conduzir a discussão teórica; Produção escrita.

Considerações Finais

Levando em consideração que a educação envolve uma construção e produção de conhecimentos advindo de processos educativos diversos e uma forma de tornar comum os saberes, as ideias, as crenças, podemos perceber com este estudo que as aprendizagens são as principais responsáveis pela inserção da pessoa como sujeito capaz de se autogerenciar e se interrelacionar de forma mutuamente satisfatória, sendo capaz de interagir com as coisas e pessoas transformando a realidade e sendo por ela transformado.

Os diversos tipos de aprendizagens sofrem interferências do desenvolvimento das habilidades

emocionais, portanto, cabe a compreensão que não basta somente o educador ensinar conteúdos acadêmicos, é preciso aprender a pensar a desenvolver competências socioemocionais como sugere a Base Comum Curricular dando ênfase a valorização das emoções e sentimentos. Conseguimos visualizar isso com propriedade no modelo de Goleman sobre inteligência emocional.

Nesse sentido a educação apresenta-se como esperança de direcionamento para a vida, no entanto também deve se admitir que há um longo caminho a se percorrer para que nossas escolas e educadores estejam preparados e atuantes para pôr em prática tais conhecimentos.

A adolescência aqui mencionada como segundo salto para a vida e em direção a si mesmo, compreendido pelo período de 12 aos 18 anos, onde as emoções ganham mais espaços que a razão é também marcado por turbulências emocionais que por vezes, de difícil compreensão até mesmo pelo próprio adolescente, assim sendo, devido a intensidade vivida, faz-se necessário haver uma preparação emocional para se conseguir o autoconhecimento e autorregulação que neste período ficam ao mesmo tempo comprometidos e necessários.

Referências

ARANTES, Ferraz. Pesquisa bibliográfica nas ciências biomédicas. 1971. In:

FACHI, Odília. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Atlas, 1993.

BARRETO, Sirdley de Jesus. Psicomotricidade: educação e reeducação. Blumenau: Odorizzi, 1998.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Brasil (1999). População jovem no Brasil Rio de Janeiro: IBGE.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FACHI, Odília. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Atlas, 1993.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa- Ed. Paz e Terra, São Paulo; 2001.

FORMIGLI, V. L. A., Costa, M. C. O., & Porto, L. A. (2000). Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. Cadernos de Saúde Pública, 16, 831-841.

FRANCO, M. G. Inteligência emocional: O que se sabe hoje. In Candeias, A., Almeida, L., Roazzi, A, & Primi; R. (Eds.), Inteligência Múltiplos Enfoques. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

GADOTTI, M. História das idéias pedagógicas. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GOLEMAN, D. Como lidar com emoções destrutivas: para viver em paz com você e com os outros: diálogo com a contribuição do Dalai Lama. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2003.

_____. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. 45. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. Trabalhando com a inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOLEMAN, D.; BOYATZIS, R.; MCKEE, A. O poder da inteligência emocional : a experiência de liderar com sensibilidade e eficácia. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

_____. Inteligência social: o poder das relações humanas. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2006.

LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

MELVIN, L., & Wolkmar, F.R. (1993). Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência (3ª. ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

Organização Mundial da Saúde (1965). Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico nº 308). Genebra.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto alegre: AMGH, 2013.
SANTROCK, J. W. Adolescência.14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SERRA, E. (1997). Adolescência: perspectiva evolutiva. Em Anais do VII Congresso INFAD (pp. 24-28). Oviedo (Espanha).

SIFUENTES, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. (2007). Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria. e Pesquisa*, 23, 379-385.

SILVA, E.; FREIRE, T. Regulação emocional em adolescentes e seus pais: da psicopatologia ao funcionamento ótimo. *Análise Psicológica*. Lisboa, vl.32 no.3, jun. 2014.

WALLON, H. Do acto ao pensamento. Lisboa: Moraes Editores, 1978